



Jornal Abra: da interdisciplinaridade à prática laboratorial e a experimentação empírica dos paradigmas jornalísticos¹

Juliano Pires da ROSA²

Viviane BORELLI³

Centro Universitário Franciscano e Universidade Federal de Santa Maria,
Rio Grande do Sul, RS

RESUMO

O artigo é resultado da experimentação acadêmica frente à prática da imprensa universitária, caracterizada aqui pelo Jornal Laboratório Abra, mídia pertencente e veiculada no curso de Comunicação Social: Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (Unifra). A reflexão busca compreender como se desenvolvem e operam os processos que regem a captação, seleção e apresentação dos acontecimentos noticiáveis dentro do contexto de Santa Maria, tendo como base os estudos de *newsmaking*, a teoria organizacional e as relações hierárquicas estabelecidas entre os acadêmicos e a proposta do *gatekeeper*.

PALAVRAS-CHAVE: rotinas produtivas; teoria organizacional; imprensa universitária; *gatekeeper*; *newsmaking*.

Introdução

A cultura jornalística, cada vez mais enraizada nas práticas sociais dos agentes e no ambiente social e simbólico que circunda tal campo, tem se configurado como característica decisiva para nortear as lógicas de funcionamento de qualquer veículo de comunicação. Tal relação, e instigado pela permanente observação e inserção nas etapas de produção do Jornal Abra, realizada pela equipe de “jornalistas-aprendizes” instituída de novembro de 2008 a julho de 2009, motivou a análise do funcionamento do jornal laboratório e de como os conceitos teóricos enunciados pelos estudos de *newsmaking* e pela teoria organizacional e do *gatekeeper* – que circundam o campo e a cultura jornalística, a atividade desempenhada pelo jornalista e a rotina no qual este é submerso – se aproximam dos elementos empíricos e das relações presentes na produção de um veículo impresso.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário Franciscano (Unifra) – RS e acadêmico do 1º semestre do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: icqneo@gmail.com.

³ Professora doutora do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e ex-docente da Unifra. Email: viviborelli10@gmail.com.



Outro elemento que permite a realização da presente análise é a posição ocupada pelo pesquisador que, por estar imerso nas rotinas de produção do seu objeto de pesquisa e ser o responsável pela coordenação da equipe, além de propiciar a familiaridade com a realidade observada, possibilita a identificação dos conceitos teóricos destacados e de que forma estes se manifestam no ambiente em questão, sem, no entanto, alterar ou modificá-los, como aconteceria com a inserção de um sujeito estranho ao meio analisado.

Assim, o “pesquisador-agente” se transforma em um observador participante que se integra com a realidade estudada de tal forma que, ao mesmo tempo em que realiza a sua análise e reflete sobre ela, contribui para manter a naturalidade do ambiente observado e das processualidades que o compõem. Pode-se dizer que, de certa forma, o pesquisador aplica simultaneamente a observação não-participante e participante, pois, segundo Michel (2005, p. 40), enquanto a primeira permite ao pesquisador presenciar o fato sem participar efetivamente dele, tornando-o um espectador da realidade estudada e capaz de propiciar a verificação da teoria estudada, das variáveis propostas e como elas se comportam no ambiente real onde os fatos ocorrem, já na segunda, de acordo com Travancas:

[O pesquisador] deve estar atento ao seu papel no grupo. Deve observar e saber que também está sendo observado e que o simples fato de estar presente pode alterar a rotina do grupo ou o desenrolar de um ritual. Isso não quer dizer que ele também não deva ou não possa participar (TRAVANCAS, 2009, p. 103).

A partir desse detalhamento metodológico e da explicação dos objetivos do artigo, inicialmente descreve-se o processo de criação do Jornal Laboratório Abra para, em seguida, refletir sobre conceitos acerca da produção jornalística e finalizar com o contexto que cerceou cada uma das edições elaboradas pela redação-aprendiz.

Primeiras impressões

O Jornal Abra surgiu em 2003 como um projeto interdisciplinar em conjunto dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Franciscano (Unifra), e tinha como principal finalidade integrar diferentes disciplinas dos dois cursos, além de proporcionar uma aproximação entre os conceitos apreendidos em sala de aula da prática mercadológica. De acordo com Badke (2004, p. 01), o “objetivo era oferecer aos alunos a compreensão do processo de produção jornalística, destacando a importância do aprendizado globalizado em comunicação social”, “preparar o estudante



nos planos conceitual, ético e técnico para o desempenho das tarefas práticas nas disciplinas do curso” e estimular “a consciência do aluno para ver e descrever o mundo, incentivando o desenvolvimento crítico diante dos fatos jornalísticos, desde a coleta de informações até o produto final”.

As primeiras edições do jornal ficaram caracterizadas pela tematização das pautas, realizada pela escolha de um tema geral e a segmentação em assuntos correlacionados a serem abordados e desenvolvidos pelos acadêmicos da disciplina de Redação Jornalística II. A pré-visualização da diagramação e da divisão em editorias eram feitas ainda durante a distribuição das pautas, mas só tomava forma depois da construção dos textos pelos acadêmicos e da posterior seleção e edição, executadas pelos professores do curso de Jornalismo. Entretanto, o jornal nunca possuiu um projeto gráfico definido, o que fazia com que o resultado final – o número de páginas, a classificação e distribuição dos textos, a presença de fotos etc – estivesse sujeito à demanda do material produzido. As fotos, inicialmente captadas pelos acadêmicos da disciplina de Introdução à Fotografia, passaram a ser realizadas pelo Núcleo de Fotografia, atualmente denominado Laboratório de Fotografia e Memória. Já a diagramação era feita pelos acadêmicos da disciplina de Planejamento Gráfico e supervisionada pelo professor responsável.

A periodicidade do jornal até sua décima quinta edição era semestral, exceto quando ocorriam eventos em que a Unifra ou os cursos de comunicação da instituição tivesse alguma relação, como a Feira do Livro de Santa Maria e o Fórum de Comunicação da Unifra, quando circulavam edições especiais. Esse prazo existente entre a definição dos temas e a conclusão dos textos permitia que os acadêmicos pudessem melhor explorar e amadurecer as pautas e abordagens a serem trabalhadas, assim como para produzirem as reportagens. A primeira edição teve tiragem de 1000 exemplares e possuía 16 páginas.

Impressões acadêmicas

A redação-aprendiz foi instituída em outubro de 2008 buscando proporcionar uma maior proximidade entre a experimentação prática e a realidade profissional, assim como permitir que os acadêmicos envolvidos pudessem visualizar de que forma as teorias do jornalismo – como os estudos sobre *newsmaking*, *gatekeeper* e a teoria organizacional – se correlacionavam e se desdobravam no ambiente empírico. Além disso, outro objetivo dessa reformulação era ampliar a identificação do jornal, e dos



elementos que o compunham, com o principal público-alvo: os acadêmicos dos cursos de comunicação.

A formação inicial da equipe, responsável pelo jornal a partir da décima quinta edição, era composta por quatro acadêmicos, sendo um editor, um diagramador e dois repórteres. Esse número reduzido de integrantes aliado à reformulação do cronograma de atividades a serem desempenhadas para a elaboração do Abra fizeram com que fosse necessário manter alguns elementos da tradicional rotina de produção, como a dependência do material produzido pelos acadêmicos da disciplina de Redação Jornalística II (RJII). No decorrer das edições o número de participantes por edição foi variável, envolvendo, em média, de 9 a 10 acadêmicos – de um total aproximado de 15 jornalistas-aprendizes que se envolveram na produção no jornal. A ampliação do grupo exigiu a gradual implantação de rotinas produtivas a fim de dar agilidade e praticidade ao trabalho dos aprendizes e às etapas de elaboração do jornal.

Desde a primeira reunião de pauta – estipulada para acontecer semanalmente – ficou estabelecido que todos os repórteres-aprendizes que integrariam a equipe deveriam apresentar e sugerir pautas a serem exploradas tanto por eles, quanto pelos demais integrantes. Uma característica mantida após a implantação da redação-aprendiz foi a conservação do tema central – a manutenção dessa característica foi feita por entender que se tratava do principal elemento identitário do veículo –, que passou a ser definido pela equipe. O eixo temático de cada edição era escolhido a partir de um tema que marcasse o mês em questão, como por exemplo: março é marcado pelo clima de recomeçar as atividades cotidianas, como a volta às aulas, maio como o mês das mães e abril pela páscoa. A partir daí surgiam diversos assuntos correlacionados com esse tema e ou desvinculados dele, que envolviam outras datas curiosas do mês e acontecimentos que não tinham sua relevância encerrada no contexto diário, as chamadas pautas frias.

Essa política editorial exigia a seleção de notícias que se enquadrassem segundo valores-notícias condizentes com a realidade de um jornal-laboratório, pois, por ter periodicidade mensal, se tornava impraticável seguir a mesma linha de critérios utilizada pelos veículos impressos diários que circulam em Santa Maria⁴.

Dessa forma, foi feita uma inversão nos valores-notícia expostos por Traquina (2005b), onde passou-se a buscar acontecimentos noticiosos que pudessem ser distinguidos sob o prisma dos valores de construção e de seleção contextuais. Ou seja,

⁴ Os dois jornais de circulação diária em Santa Maria são o A Razão, do Grupo De Grandi, e o Diário de Santa Maria, do Grupo RBS.



buscava-se priorizar a construção do produto noticioso – primando pelos critérios de simplificação, amplificação, relevância, personalização e dramatização – e atender às características que cercavam o processo de produção – com a orientação dos critérios de disponibilidade, equilíbrio, visualidade e “mês” noticioso, uma variação do conceito de dia noticioso –, deixando de lado os critérios substantivos – usados para avaliar a importância dos acontecimentos diários e sua potencialidade para se tornarem notícia.

A escolha de tais valores-notícia e a opção por reportagens com abordagens interpretativas e reflexivas vem ao encontro do que Wolf (2005, p.213) denomina notícias interessantes, que são aquelas onde “o elemento do interesse dá lugar a uma avaliação mais heterogênea, mais aberta às opiniões subjetivas, menos vinculadora a todos” e que “buscam dar ao evento uma interpretação baseada no lado do ‘interesse humano’, do ponto de vista do insólito, das pequenas curiosidades que atraem a atenção”. Essa iniciativa permitiu que o jornal não sofresse com a escassez de material e serviu de sustentação para que as pautas escolhidas não caíssem durante o processo de apuração, pois estimulava os repórteres-aprendizes a trabalharem com temas com os quais tivessem algum tipo de interesse, familiaridade ou afinidade, o que, muitas vezes, os levava a produzirem o dobro ou o triplo de reportagens necessárias.

Assim, ao buscar construir e apresentar textos e reportagens de caráter interpretativo, a pretensão da política editorial do jornal também era instigar nos repórteres-aprendizes o anseio de elaborarem abordagens reflexivas e levar aos leitores as inquietações e problematizações suscitadas durante as rotinas de produção. Nesse sentido Golding-Elliot (apud Wolf, 2005, p.207) complementa que “a especialização temática constitui um índice significativo do modo como os valores-notícias são traduzidos em práticas organizacionais” e tendem a resultar em notícias que refletem a estrutura da equipe jornalística.

As sugestões de pautas apresentadas eram avaliadas por todo o grupo, e raramente eram rejeitadas ou caíam, mas quando isso acontecia ela poderia ser tanto substituída por outra, quanto por um texto reserva. Porém, quando esse tipo de distribuição não era possível de ser realizada, as demais pautas sugeridas, e que se mostravam interessantes e adequadas à atual edição, eram divididas para que todos participassem e contribuíssem com publicações.

A argumentação e o questionamento empregados pelos jornalistas-aprendizes durante as reuniões – a fim de defenderem as pautas apresentadas ou a permanência de um tema, suscitando novas abordagens e contribuindo para o aprofundamento dos



assuntos – se transformaram na principal marca da experimentação, pois, além de propiciar uma interação entre acadêmicos de diferentes semestres e constituir um espaço ideal para a troca de experiências e vivências, permitiu que os aprendizes realizassem a prática jornalística mais próxima de um ambiente redacional. Como consequência dessa liberdade concedida aos repórteres-aprendizes para decidirem as pautas a serem trabalhadas, houve uma modificação em relação a posição ocupada pelo *gatekeeper* originalmente teorizado por White (1999). Segundo o autor, as decisões sobre o que é ou não notícia, e conseqüentemente publicado ou descartado, estão concentradas nas mãos de um único profissional – posição que no estudo de White é ocupada pelo editor –, e são “extremamente subjectiva[s] e dependente[s] de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas do *gatekeeper*” (WHITE, 1999, p.145).

A aproximação entre a teoria do *gatekeeper* e a realidade vivenciada pela equipe de aprendizes é retratada por Wolf (2005, p.186), quando este explica a superação do caráter individualista da atividade do *gatekeeper* a partir do momento em que o veículo de comunicação passa a desempenhar uma função de instituição social, com um sistema integrado de rotinas, lógicas e operações próprias, e onde os diferentes níveis da hierarquia de produção do jornal se tornam responsáveis por decidirem e selecionarem os materiais a serem produzidos, apurados e publicados. Nessa descentralização decisória, o repórter-aprendiz passou a ser diretamente responsável pela pauta que iria produzir, pois assim que a mesma era decidida, a matéria automaticamente já contava com um espaço para sua publicação, o que o transformava em um *gate* na rotina de produção do jornal, deixando ao editor-aprendiz apenas a revisão e ou a modificação do texto. Logo, o rendimento do repórter-aprendiz podia interferir no resultado final do jornal.

Após definidas as pautas a serem desenvolvidas pelos repórteres-aprendizes, eram levantadas as fontes a serem entrevistadas e definida a abordagem que o texto deveria ter. Durante todo o processo de produção o editor-aprendiz fazia o acompanhamento avaliativo dos textos e títulos, sugerindo mudanças no conteúdo abordado e novas possibilidades de entrevistados. A mesma atenção era despendida à produção de fotos, já que, devido à sobrecarga do Laboratório de Fotografia e Memória em atender a demanda da instituição, muitas vezes era necessário que os próprios aprendizes se ajudassem na captura de imagens. Já a diagramação seguia um caminho diferenciado. O editor-aprendiz apresentava para o diagramador-aprendiz e para o professor encarregado um esboço de como as reportagens deveriam ser distribuídas,



mas apenas após o recebimento das reportagens produzidas e editadas é que ambos avaliavam a viabilidade da ideia inicial, executada na grande maioria das vezes. Em alguns casos pequenas modificações e rearranjos eram suficientes para solucionar a composição das páginas.

A etapa final da elaboração do jornal era a concepção da capa, realizada pelo editor-aprendiz, mas isso só era possível após a pré-diagramação e a acomodação dos textos nos espaços destinados a eles. A constante presença do editor-aprendiz em todas as etapas da produção, desde a decisão das escolhas das pautas até a revisão final e o fechamento de cada edição, realizada pelos professores coordenadores, caracteriza a regulação e a estabilização presentes na seleção do material explicada por Wolf (2005, p.255), onde

(...) os modos, os procedimentos e os hábitos que produzem essa regulação já constituem uma primeira forma relevante de seleção. De um lado, ela é funcionalizada para as necessidades de organizar racionalmente o trabalho, a fim de torná-lo rotineiro, de outro, também é congruente com o conjunto dos valores/notícia, que se destinam a tornar possível a parte restante da seleção dos acontecimentos (WOLF, 2005, p.255).

Tanto Traquina (2005a), quanto Wolf (2005) destacam que a convivência dos jornalistas, e a consequente familiaridade, com as questões organizacionais, incluindo aqui a compreensão do funcionamento das rotinas produtivas, dos valores-notícias empregados e das lógicas do campo no qual estão imersos, são feitos “osmoticamente” através da socialização com a política editorial e os levam à conformidade com os elementos da cultura profissional. Porém, assim como foi feito ao abordar à teoria do *gatekeeper*, é importante fazer algumas ressalvas aos conceitos apresentados pelos autores em relação às interações desenvolvidas na redação-aprendiz.

Por se tratar de uma prática acadêmica, e embora seja possível constatar alguns fatores formulados por Breed (apud Traquina, 2005a, p.153.), a motivação dos repórteres-aprendizes e, conseqüentemente, o controle exercido pelo editor-aprendiz e pelos professores coordenadores funcionavam segundo uma classificação de recompensas e punições também adaptada ao contexto acadêmico. O principal fator de união do grupo era justamente “o prazer da atividade”, pois o gosto pelo jornalismo impresso era compartilhado por todos os engajados. Em segundo lugar estavam “os sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores”, pois todo o processo de produção tinha como base a confiança na realização das atividades, no cumprimento dos prazos determinados e na qualidade do material noticioso. O último dos fatores



constatados, e percebido mais sutilmente, era o de “autoridade institucional e as sanções”, pois, por se tratar de uma atividade voluntária e os repórteres-aprendizes terem liberdade de escolha, a única sanção possível de ser aplicada eram diálogos questionando sobre o rendimento e andamento da produção.

As alterações e edições textuais, assim como realocação das matérias em espaços diferentes dos inicialmente definidos, não eram vistos como punições, mas sim como parte integrante e necessária do processo. Um destaque interessante de ser mencionado é a forma como os aprendizes se desligavam do grupo: por iniciativa própria e sem influência dos coordenadores, o que reforçava o objetivo do jornal-laboratório de ser um espaço democrático e aberto aos interessados em experimentar a prática jornalística para além do conhecimento apreendido em sala de aula.

Décima quinta impressão

A décima quinta impressão foi lançada em novembro de 2008 e tinha como tema a morte. A redação-aprendiz contava com quatro componentes, sendo um editor, um diagramador e dois repórteres. O jornal teve um total de 23 reportagens – 20 produzidas pelos acadêmicos de RJII e três pelos aprendizes –, um artigo e um editorial.

O resultado final dessa primeira edição elaborada pelos acadêmicos ficou visível na semelhança entre o projeto gráfico aplicado e o utilizado pelos jornais impressos. Os principais elementos que se destacaram em relação às edições anteriores foram a reformulação da capa, que passou a explorar o equilíbrio entre a questão imagética e textual – com a presença de boxes, com textos de apoio e títulos –, a redistribuição dos textos por gêneros jornalísticos de maneira semelhante como é feita pelos diários da cidade, ou seja, a segmentação e reagrupamento do material informativo/noticioso e opinativo em páginas específicas, e o direcionamento da contracapa à assuntos institucionais e ou referentes aos cursos de comunicação. A reformulação dos elementos que compunham o jornal buscou uma maior aproximação com o aspecto visual predominante nos veículos impressos como forma de dar os primeiros passos rumo à construção de uma identidade e ao objetivo de tornar-se uma mídia jornalística.

Tendo em vista organizar o trabalho dos repórteres-aprendizes e sistematizar o processo produtivo, junto com a reformulação gráfica passou-se a pensar também na implantação de rotinas. A primeira delas foi a realização de reuniões semanais para escolher os temas e as pautas de cada edição, avaliar o andamento, resolver imprevistos e decidir os passos seguintes da produção.



Na primeira reunião ficou estabelecido consensualmente que os repórteres-aprendizes deveriam ter o prazo de duas semanas para apresentarem as versões finais de suas reportagens – a edição e revisão das matérias eram feitas pelo editor-aprendiz paralelo ao processo de elaboração e concluído em conjunto com os professores na finalização do jornal, pois era levado em consideração que poderiam surgir dúvidas com relação às rotinas que estavam sendo implementadas e a problemas de todas as ordens, como incorreção e ausência de informações e imagens, inadequação do conteúdo ao espaço determinado etc –, e que nas duas semanas seguintes seria feito o fechamento e a impressão da edição.

Entretanto, a implantação das rotinas produtivas enfrentou dificuldades devido a dois fatores relacionados à equipe de aprendizes: o primeiro era a inexperiência dos acadêmicos, que estavam em fase de reconhecimento e de planejamento das etapas de produção do jornal; e o segundo, ligado ao tamanho reduzido do grupo, obrigou a dependência da forma de operacionalização consolidada nas edições anteriores, que permitiu que a equipe tivesse um mês para a coleta, seleção e edição das pautas apuradas. Por outro lado, mesmo se tratando de uma experiência laboratorial, a necessidade de tais rotinas passou a ser incorporada pelos integrantes da equipe, já que era preciso lidar com etapas, prazos, tarefas e hierarquias.

Assim, a partir da décima quinta edição, além do aperfeiçoamento das mudanças em relação ao formato anterior e da participação de colaboradores externos à equipe de redação, se caracterizou cada vez mais a nova identidade pretendida pela equipe e outras alterações passaram a ser necessárias, como a entrada de novos repórteres-aprendizes e a centralização do processo produtivo nas mãos dos acadêmicos. Esses elementos vêm ao encontro do que Pena (2005, p.205) refere a respeito de uma imprensa universitária mais “articulada com a lógica interna da academia e com as rotinas produtivas dos veículos de informação”, ou seja, que ao mesmo tempo em que entenda a lógica dos meios de comunicação de massa, essa prática laboratorial também valorize a lógica de produção acadêmica, a partir da criação de veículos com linguagens próprias.

Décima sexta impressão

A décima sexta impressão foi lançada no final de março e início de abril de 2009 e tinha como eixo temático o ato de recomeçar. A redação-aprendiz contava com sete componentes, sendo um editor, um diagramador e cinco repórteres. O jornal teve um



total de 11 reportagens – todas produzidas pelos aprendizes –, dois artigos, um editorial e uma charge.

A edição representou um importante passo na consolidação da redação-aprendiz, porque os acadêmicos precisavam conciliar a retomada das atividades pessoais e acadêmicas com a readaptação ao clima de produção. Mas, ao contrário do que aconteceu na edição anterior, onde as incertezas e o desconhecimento povoavam cada uma das etapas de produção, os aprendizes detinham conhecimentos sobre as processualidades e autonomia para trabalhar, o que resultou em rotinas produtivas mais dinâmicas e sincronizadas com os prazos estabelecidos.

Outra grande diferença em relação à primeira edição foi a presença exclusiva de textos provenientes da redação-aprendiz e o acréscimo de charges e artigos, explorando não apenas o tino jornalístico dos integrantes, mas também a sua capacidade de percepção e opinar sobre os acontecimentos noticiosos. Esse domínio textual exercido pelos aprendizes só foi possível graças a entrada de novos componentes, e ajudou a expandir a iniciativa de elaborar reportagens mais independentes do eixo temático.

Os pontos que se consolidaram como referência nessa edição foram a separação dos textos opinativos dos noticiosos em quase-editoriais, um grande número de notícias casadas com imagens, a presença de grandes reportagens, a especialização de alguns aprendizes com determinados gêneros jornalísticos e a estética da capa, que novamente inovou pelas chamadas das matérias e a disposição dos elementos visuais. Enquanto alguns pontos foram aprimorados, outros continuavam evoluindo em um ritmo mais desacelerado, como a relação com o Laboratório de Fotografia e Memória e o acompanhamento do processo produtivo por parte de alguns professores coordenadores.

Uma curiosidade relativa ao Jornal Abra é que desde sua origem o mesmo nunca teve um projeto gráfico estabelecido. Essa situação era paradoxal: ao mesmo tempo que dava liberdade aos diagramadores para alterarem a disposição de alguns elementos – como o número de páginas –, o que permitia reinventar o jornal a cada edição, ela vetava a alteração e modificação de outros mais antigos – como logotipo e sua posição.

A fim de constituir um espaço virtual que permitisse o acompanhamento da produção, armazenasse e disponibilizasse informações sobre as edições e possibilitasse a interação extra-laboratorial entre o editor-aprendiz e os professores, foi criado em caráter experimental uma página Wiki⁵.

⁵ O site é utilizando como um ambiente de cooperação virtual, onde também podiam ser encontrados dados e edições de outras publicações vinculadas ao curso de Jornalismo. <http://impresso.pbworks.com>, acessado em 07/04/2011.



Décima sétima impressão

A décima sétima impressão foi lançada no final de abril de 2009 e tinha como eixo temático a Páscoa. A redação-aprendiz contava com 12 componentes, sendo um editor, três diagramadores e nove repórteres. O jornal teve um total de 10 reportagens – todas produzidas pelos aprendizes –, dois artigos, um editorial e uma charge.

A partir da décima sétima edição começaram a surgir dificuldades em relação ao cumprimento de prazos por parte de alguns repórteres-aprendizes, que passaram a exigir maior atenção por parte do editor-aprendiz para que as pautas desenvolvidas por eles não caíssem e não comprometessem a estrutura e circulação do jornal. Uma constatação que se pôde perceber foi a de que esses mesmos aprendizes, de uma forma geral, não compartilhavam do mesmo “prazer da atividade” descrito por Breed (apud Traquina, 2005a, p.154), pois sequer sugeriam pautas e acabavam trabalhando com as sugestões dadas pelos demais integrantes.

Isso também tem relação com o aumento do número de repórteres-aprendizes envolvidos na construção de reportagens e a permanência do fluxo de material disponível para publicação das edições anteriores. A explicação para isso é simples: foi ampliado o número de integrantes, mas o mesmo não aconteceu com o ritmo de trabalho. As atividades apenas passaram a ser divididas equitativamente entre os acadêmicos. Como consequência, manteve-se o número de páginas.

Entretanto, pela primeira vez desde a instituição da redação-aprendiz o eixo temático foi deixado em segundo plano e houve uma predominância das reportagens sobre temas diversificados – uma das matérias utilizou ilustrações para caracterizar a abordagem dada sobre a presença e influência da mídia na vida das crianças.

Décima oitava impressão

A décima oitava impressão foi lançada no final de maio de 2009 e tinha como eixo temático as mães. A redação-aprendiz contava com 10 componentes, sendo um editor, três diagramadores e sete repórteres. O jornal teve um total de 18 reportagens – 10 produzidas pelos acadêmicos de RJII e oito pelos aprendizes –, um artigo, um editorial, uma charge e uma crônica.

A penúltima edição trouxe novas mudanças além da consolidação de todos os elementos anteriormente incorporados. Entre as novidades estava a nova estética da capa, que em homenagem ao tema mães, apresentou a figura de uma mãe em que o



texto de apoio acompanhava os contornos da imagem. Outras novidades foram a redução do número de repórteres-aprendizes, a inclusão de uma crônica escrita por um colaborador externo e a criação de um e-mail, a fim de estabelecer um canal de comunicação com os leitores e possibilitar o recebimento de críticas, elogios e sugestões de temas e mudanças.

Com a participação dos acadêmicos de RJII o jornal ganhou duas páginas extras para a publicação dos textos noticiosos elaborados por eles, enquanto as demais continuavam sob responsabilidade da redação-aprendiz. Uma característica visível nas reportagens dessa edição – tanto nas dos acadêmicos de RJII, quanto nas dos aprendizes – foi a predominância de um amplo número de fotos e de boxes com informações complementares aos textos. Da mesma forma, é importante destacar o espaço destinado à Feira do Livro, que teve duas reportagens dedicadas ao assunto – uma delas abordava a relação entre literatura e a história de Santa Maria e a outra fazia um panorama retrospectivo do evento –, enquanto que nas edições anteriores o tema preenchia o jornal em sua totalidade.

Atendendo à lógica dos eixos temáticos mensais, e a partir de ideia de um dos repórteres-aprendizes, foi lançada uma campanha para o dia dos namorados – que seria o tema da edição de junho –, onde os leitores deveriam enviar por e-mail dados pessoais como nome, idade, signo e o que esperavam de um relacionamento. As informações seriam usadas para a elaboração de um classificado, encartado na edição seguinte.

Décima nona impressão

A décima nona impressão foi lançada no início de julho de 2009 e não possuía eixo temático. A redação-aprendiz contava com 11 componentes, sendo um editor e 10 repórteres. O jornal teve um total de 11 reportagens – todas produzidas pelos aprendizes –, seis artigos, um editorial, uma charge, uma crônica e um perfil.

A última edição do jornal foi gerada a partir de alguns imprevistos que fizeram com o que o jornal fugisse da lógica editorial seguida até então. Entre esses percalços estão a queda de pautas – a principal delas foi o insucesso da campanha sobre o dia dos namorados lançada na edição anterior, que não repercutiu como o desejado e exigiu uma remodelação – e o descumprimento dos prazos estabelecidos para a produção de junho. Resultado: o material produzido acabou sendo guardado para a edição de julho.

Outra particularidade que resultou dessa compactação de edições foi a remoção do eixo temático, pois havia muito material para ser reutilizado e pouco tempo para



recomeçar o processo de produção – devido ao recesso institucional que iniciaria na segunda quinzena de julho. As questões institucionais também interferiram no processo de diagramação e no resultado estético final, já que, por não haver diagramadores-aprendizes na equipe, esse trabalho ficou nas mãos dos professores responsáveis. Como consequência, a edição do material realizada pelo editor-aprendiz foi re-editada pelos professores e acarretou em uma publicação destoante das anteriores.

Por outro lado, tendo em vista a queda do diploma jornalístico, os demais integrantes foram incentivados pelo editor-aprendiz a escreverem artigos sobre o tema, o que resultou na expansão da seção opinativa. A experimentação também adentrou nas páginas destinadas às notícias no formato de um perfil do cantor Duca Leindecker.

Impressões finais

Conjugando o raciocínio de Traquina (2005a, p.146) sobre a significação do termo “teoria”, em que o autor explicita que pode se tratar de “uma explicação interessante e plausível, e não um conjunto elaborado e interligado de princípios e proposições”, com as inferências de Pena (2005) sobre a importância da imprensa acadêmica, ao abordar o papel das TVs universitárias junto às comunidades dos quais fazem parte, é possível perceber a intrínseca ligação existente entre as teorias do jornalismo, apreendidas durante o decorrer do curso, e as práticas empíricas e profissionais.

E perceber as nuances entre a teoria apreendida em sala de aula e a prática empírica jornalística, mais do que uma comprovação de conhecimentos acadêmicos, é fundamental não apenas para estimular a busca pelo saber, que está sempre em constante renovação de conceitos e valores devido ao pragmatismo da profissão, mas também para despertar a curiosidade pelo inusitado, como forma de descobrir novas relações e conexões entre conceitos e ações práticas e fundamentar a experiência, passo posterior à construção do conhecimento obtido pela vivência e anterior ao aprimoramento da compreensão científica.

Tais relações, baseadas na experiência desenvolvida pelos jornalistas-aprendizes do Jornal Laboratório Abra, e de acordo com os objetivos que deve ter um veículo acadêmico descritos por Pena (2005, p.207), precisam integrar a comunidade acadêmica e o público em torno de mídias que priorizem a pluralidade em suas abordagens e assuntos trabalhados, assim como possibilitar “uma participação democrática da sociedade” e promover a cidadania. Características essas que, segundo o autor,



transformam a imprensa universitária no lugar ideal para a experimentação e permite a rediscussão ética e estética do veículo. Processo semelhante que acompanhou a produção de cada uma das cinco edições produzidas pelos aprendizes, que elaboravam e aplicavam as reformulações necessárias para a adaptação do jornal às exigências da equipe e do público, sem perder de vista o objetivo de se diferenciar dos veículos impressos tradicionais e se consolidar como mídia jornalística.

Todos esses aspectos vêm ao encontro das trocas de experiências e do aprendizado mútuo que se instituiu entre os professores e os integrantes da redação-aprendiz, que puderam visualizar os desdobramentos das teorias acerca da atividade jornalística, experimentar a prática profissional mais próxima da realidade existente em um veículo impresso e compreender as rotinas, lógicas e processos que cercam as diferentes funções. Além disso, o jornal-laboratório também se firmou como um ambiente adequado para o exercício empírico do conhecimento transmitido dentro da sala de aula e para a troca de experiências, opiniões e vivências entre os acadêmicos do curso de Jornalismo.

Prova desse crescimento proporcionado pela interação entre os aprendizes foi o papel desempenhado em cada uma das funções, que teve sua importância e seu destaque e colaborou para o sucesso da experiência – o editor-aprendiz supervisionando todas as etapas da produção, desde a definição do tema e distribuição das pautas correlacionadas, o acompanhamento da apuração, elaboração e revisão dos textos até a concepção estética desenvolvida pela diagramação do jornal; os repórteres-aprendizes fornecendo a matéria-prima e enfrentando a correria do dia a dia; e o diagramador-aprendiz, responsável por dar forma à nova proposta originada junto com a redação-aprendiz –, e indo ao encontro da proposta pedagógica dos professores responsáveis pelo Laboratório de Jornalismo Impresso e Online: incentivar e desenvolver a prática jornalística dentro do curso e reformular a identidade do jornal, aproximando seus elementos estéticos e lingüísticos da realidade acadêmica.

Os pontos controversos da experiência, e que de forma alguma afetam os méritos alcançados, ficam a cargo dos fatores institucionais, que interferiam diretamente nas rotinas de produção, da falta de comprometimento de alguns poucos participantes e da decisão precoce dos professores de encerrarem o projeto e retrocederem ao modelo bimestral, composto apenas por reportagens dos acadêmicos de RJII.

Porém a essência fundamental da experimentação foi comprovar e apreciar a motivação e a dedicação desprendidas pela equipe de aprendizes ao trabalho em torno



do Jornal Laboratório Abra a fim de promoverem o veículo diante de outros públicos e de apoiarem a manutenção da redação-aprendiz. A cada edição foi possível constatar a paixão dos acadêmicos pelo jornalismo impresso e o desejo em dar continuidade ao projeto, que além de renovar a vontade de participação, alimentava o aprimoramento do jornal e se tornava perceptível na qualidade do resultado final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BADKE, Carlos Alberto. **Jornal experimental: uma atividade interdisciplinar**. 7º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, 2004. Disponível em <http://www.fnj.org.br/grupos.php?det=18>. Acesso em 02/02/2011.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Volume I: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005a.

_____. **Teorias do Jornalismo. Volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005b.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009, pp 98-109.

WHITE, David Manning. **O Gatekeeper: Uma análise de caso na seleção de notícias**. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, estórias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.